

Carta proposta para um novo Instituto de História

Antonio Carlos Jucá de Sampaio

Marta Mega de Andrade

Qual o sentido de uma candidatura à direção do Instituto de História? Por que se propor a assumir um cargo visto quase sempre como um fardo? As principais respostas a essas perguntas estão no próprio Instituto, tanto em sua trajetória quanto na situação em que se encontra hoje.

Criado em 2010, o Instituto de História nasceu de um projeto conjunto de professores, técnicos e alunos, que tinha por bases a autonomia administrativa, a construção de um prédio próprio, e o controle de um orçamento autônomo. Estávamos então numa conjuntura bastante favorável, com investimento crescente no ensino superior e na pesquisa, o que tornava possível a realização de tais projetos.

Nesses dez anos, o Instituto inegavelmente consolidou sua autonomia e seu papel no interior da universidade. Na graduação, conseguiu realizar a reforma curricular, separando as formações de bacharelado e licenciatura, e assumindo a responsabilidade sobre essa última, antes a cargo da Faculdade de Educação. Uma mudança fundamental para seus 49 professores e mais de 900 alunos, e que coloca o curso em sintonia com as várias transformações realizadas no currículo de história, ponto importante para uma inserção mais qualificada na formação de professores e pesquisadores para a sociedade.

Na Pós-graduação, aos dois programas acadêmicos que já existiam (PPGHIS e PPGHC), somou-se o ProfHistória, programa de mestrado profissional em rede, com sede no IH. Voltado para professores da educação fundamental e média, o ProfHistória reforça o compromisso do Instituto com a melhoria da educação brasileira, principalmente pública. Na extensão, tivemos a criação em 2019 da coordenação do Instituto, com o intuito de estimulá-la entre professores e alunos.

Por outro lado, o IH não atingiu alguns de seus objetivos iniciais. A construção de um prédio próprio saiu do horizonte com o fim do Reuni e a diminuição do orçamento universitário, tendência que vem desde pelo menos 2015 e agravou-se bastante no atual governo. A autonomia financeira tornou-se impossível com a concentração dos recursos das unidades nas Decanias, ora em curso.

Há, no entanto, processos mais amplos e que nos preocupam. Em primeiro lugar, um anti-cientificismo que, no caso da história, se reflete num falso “revisionismo”, e busca re-escrever a história em favor de objetivos políticos. Em segundo lugar, há um claro ataque aos direitos humanos em geral, com ênfase nos grupos sociais que foram alvo de políticas compensatórias e de promoção social (mulheres, negros, LGBTs, etc.).

É nesse contexto que pensamos a nossa candidatura. É preciso repensar o IH e construir novamente um projeto coletivo e inclusivo, que comprometa não só a Direção, mas todo o corpo social do Instituto. Frente a essa conjuntura externa tão adversa, não há no IH divergências políticas profundas, e as principais pautas tendem a ser consensuais. É essa proposta que dá sentido à nossa candidatura.

Pensamos esse projeto a partir de alguns princípios que nortearão nossa gestão. São eles: inclusão, ousadia e excelência.

Orçamento

O primeiro ponto a abordar é o da autonomia financeira. A existência de um orçamento gerenciado diretamente pelo Instituto de História não é mais possível na atual conjuntura. Por outro lado, o orçamento atual precisa ser aumentado para fazer frente às inúmeras necessidades do Instituto. No entanto, como fazer isso em um contexto de diminuição do orçamento geral da universidade? É preciso buscar novas fontes de receitas, como emendas parlamentares, tanto federais quanto estaduais. Para isso, deve-se explorar o caráter histórico do prédio, situado no Centro do Rio, e o fato de estarmos próximos do bicentenário da independência do Brasil. Uma outra possibilidade é a criação de uma associação de ex-alunos ou amigos para conseguir recursos extras, e que possam ser geridos com maior autonomia.

Antes de qualquer outra coisa, é preciso termos projetos muito bem delineados, e sermos bastante claros sobre a destinação dos recursos que pretendemos receber, o que facilita sua captação.

Um outro ponto importante é a transparência. Vamos divulgar no site do IH todos os gastos orçamentários, prestando contas à sociedade da forma que administramos os recursos públicos.

A qualificação do espaço

Por qualificação do espaço entendemos não só sua adequação às necessidades de nossas atividades como um “diálogo” com o entorno, de forma a marcar positivamente nossa presença.

Cabe sublinhar que não estamos em qualquer prédio, mas numa construção histórica de grande significado, inaugurada em 1792 e que abrigou a Aula de Engenharia militar, tornando-se posteriormente a sede da Escola Politécnica. Situado no Centro da Cidade, é um marco arquitetônico fundamental, dominando uma área onde há outros prédios históricos, quase todos muito maltratados ou mesmo em ruínas. O prédio, no entanto, não se insere no contexto local. Para muitos, é só mais um prédio igualmente maltratado, embora com fluxo de pessoas.

É preciso mudar essa relação com o entorno. Em primeiro lugar, valorizar os fundos do prédio. Abrir a porta de trás para facilitar a circulação de pessoas. Reformar e arborizar, em convênio com a prefeitura ou com uma empresa, o espaço aí situado, que hoje é apenas uma calçada de paralelepípedos ligando a rua do Teatro à rua Luís de Camões. Nas duas entradas é preciso que haja mecanismos de controle da circulação, não para impedi-la, mas para identificar quem entra e gerar segurança para quem estuda ou trabalha no prédio.

Em relação ao espaço interno, é preciso que haja uma administração conjunta do prédio, dividida entre IH e IFCS, através de um grupo gestor. A partir dela, deve-se fazer uma readequação dos espaços existentes, privilegiando o uso coletivo dos espaços públicos, ou seja, salas coletivas para professores e o aumento do número de salas de aula. Essas, por sua vez, precisam de reformas que melhorem as condições para alunos e professores, passando tanto pelos equipamentos disponibilizados quanto pelas condições físicas disponíveis. Os espaços precisam também ser adequados aos portadores de necessidades especiais, para garantir a plena acessibilidade. Por fim, com a pandemia da covid-19, é preciso que essa qualificação dos espaços passe também por uma adequação às novas regras de convívio social.

O ensino

Feita a reforma curricular, duas prioridades se colocam para a nova direção: a transição para o novo currículo (que significa a convivência entre currículo novo e

currículo velho pelo menos pelos próximos quatro anos) e a entrada no Complexo de Formação de Professores. Em relação à transição, a direção deve atuar no sentido de minimizar os custos para os alunos. Um exemplo é a manutenção de vínculo, existente até o ano passado. A Direção deve manter o apoio à sua permanência para o presente ano, já manifestado pela atual diretora, para minimizar os prejuízos dos alunos do currículo antigo do curso de história.

O Complexo, como sabemos, é um projeto central da UFRJ que visa melhorar a qualidade da educação pública a partir de uma integração entre a universidade e as escolas. O curso de história, no entanto, ainda não se encontra integrado, em grande parte por conta da demora na realização de sua reforma curricular. Cumprida essa etapa, devemos reforçar nosso compromisso com o Complexo e sua rápida implementação em nossa unidade.

Outro desafio é pensar a especificidade do bacharelado. A ênfase na licenciatura traz o risco da desvalorização dessa habilitação. Por outro lado, a recente regulamentação da profissão contribui para a delimitação das atividades desse profissional, e que devem ser enfatizadas: o vínculo com a pesquisa, a atuação em instituições culturais e centros de pesquisa, a consultoria em eventos, etc.

No que se refere aos Programas de Pós-Graduação, a direção do Instituto deve se voltar para garantir as condições materiais de trabalho necessárias, bem como o apoio nas relações com as instâncias superiores da universidade e/ou de fora dela.

Por fim, a pandemia da covid-19 traz como novo desafio o acesso dos alunos (tanto de graduação quanto de pós) ao ensino remoto. A distribuição já realizada de chips e equipamentos será claramente insuficiente, se considerarmos a continuidade dessa modalidade de ensino. A direção deve apoiar fortemente a ampliação desse apoio a um número maior de alunos e pelo período que se fizer necessário, inclusive com campanhas de doações de equipamento e sessões de treinamento para docentes e monitores. Não se trata só de aprender a usar plataformas, mas de pensar criativamente modelos de ensino híbridos no período emergencial. O compromisso do Instituto de História com a excelência da educação nos convida a usar o momento de crise para imaginar formas de melhorar nosso ensino presencial, com tecnologias inovadoras, em um cenário pós pandemia.

A extensão

A ênfase na extensão tem ligação direta com as mudanças ocorridas nos currículos da universidade, que obrigam os alunos a se engajarem em tais atividades. Ela não deve, no entanto, ser vista somente como obrigação a ser cumprida. A extensão é, muitas vezes, a face mais visível da universidade para a sociedade. Através dela, produzimos e/ou divulgamos conhecimento gerado na academia, gerando impactos concretos. No IH, temos uma vinculação ainda fraca com a extensão, seja pela falta de uma tradição de prestação de serviços, seja pelas dificuldades burocráticas que frequentemente se impõem.

Demos um primeiro passo na atual gestão com a criação da coordenação de extensão. Precisamos agora garantir seu crescimento, com o estímulo à realização de projetos tanto individuais quanto coletivos, e que envolvam também outras unidades da UFRJ. Por fim, é preciso criar um espaço específico para exposição dos diversos projetos, seja um seminário, uma feira, ou algo similar.

Pesquisa e divulgação científica

O IH possui um corpo docente altamente qualificado, abrigando em seu interior importantes grupos de pesquisa, cujos trabalhos impactam na produção historiográfica brasileira nas mais diversas áreas temáticas. Esse panorama tem sido ameaçado pelo ataque sistemático à pesquisa científica, comentado mais acima, e principalmente pelo corte contínuo de verbas. A direção do Instituto não possui mecanismos de financiamento, mas pode colaborar reconhecendo as competências do seu corpo social e estimulando projetos transversais, com impacto na graduação, pós e extensão, como o fortalecimento ou criação de grupos de pesquisa: Estudos Africanos, História e Natureza, Antigo Regime nos Trópicos, Ditadura e militares, Teoria e historiografia, Estudos clássicos, Religiosidades, etc. Pode também apoiar a realização de eventos, a formalização de convênios, etc.

Os alunos de graduação e de pós frequentemente organizam eventos, publicações e outras atividades acadêmicas e/ou culturais. Além de contribuir para o desenvolvimento e divulgação de seus trabalhos, tais atividades são de grande importância para a sua formação. Por tais razões, consideramos fundamental o incentivo da Direção a tais atividades.

Dentre os eventos que pretendemos incentivar destacamos, de forma mais imediata, o que irá debater o bicentenário da independência do Brasil, buscando pensar seus múltiplos significados na formação da sociedade brasileira.

Sustentabilidade

A busca pela sustentabilidade é parte fundamental da inserção da universidade na sociedade atual. No caso do IH, é evidente o impacto ambiental das nossas atividades. Produzimos uma grande quantidade de lixo, desde papel e restos de alimentos até uma enorme variedade de produtos eletrônicos, passando por móveis que são descartados em grande quantidade. Uma coleta seletiva e a adequada destinação de todos os resíduos gerados por nossa atividade são o início de um projeto de diminuição desse impacto. Também ajudam a gerar renda para grupos desassistidos, como os catadores.

Um segundo ponto seria a racionalização do uso da água e da energia elétrica, com a troca de lâmpadas e criação de material de educação ambiental. Aqui teríamos, além do impacto ambiental, um impacto orçamentário também importante.

Um terceiro ponto seria a ampliação e conservação das áreas verdes. No térreo, em especial, seria de grande importância criar um jardim interno que não se limitasse a árvores plantadas dentro de vasos e que servisse de espaço de convivência para os frequentadores do prédio.

Ações de apoio à saúde

A priorização da saúde física e mental do corpo social do Instituto é uma necessidade que se impõe numa conjuntura que combina uma pandemia com um quadro já consolidado de problemas mentais, como depressão e ansiedade.

No campo da saúde mental, propomos um convênio com o Instituto de Psicologia, para atendimento dos nossos alunos, bem como a realização de atividades de conscientização e prevenção voltadas para todo o corpo social. Para professores e funcionários, é necessário que se garanta um ambiente de trabalho saudável para o melhor desempenho de suas funções.

Participação mais ativa nos órgãos da Universidade

O Instituto de História apresenta-se muitas vezes como uma ilha, muito pouco conectado ao restante da universidade. Por falta de interesse ou uma visão restrita do que seja a atividade acadêmica, praticamente não há participação de seus membros nos órgãos colegiados superiores. Isso faz com que frequentemente não tenhamos nossos interesses apresentados e/ou defendidos nessas instâncias. A Direção deve assumir aí um papel central na articulação de candidaturas, seja estimulando professores do IH, seja com o apoio a candidatos de outras unidades que se comprometam com os interesses da História.